

**NEREIDE FREIRE CERQUEIRA**

# **Medicina no Ocidente e na China: uma abordagem filosófica**

Monografia apresentada à Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Botucatu, para a conclusão do Curso de Especialização em Acupuntura Veterinária.

**BOTUCATU  
2004**

## AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. Stélio Pacca Loureiro Luna, pelo ensino e dedicação à  
Acupuntura Veterinária

Aos professores Jean Guilherme Fernandes Joaquim e Eduardo José  
Diniz da Gama, e a todos os que colaboraram com o curso e com os  
ensinamentos em Acupuntura Veterinária

Ao prof. Dr. Carlos Alberto Hussni, pela paciência e apoio constantes

À Roberta Bosco, pela atenção, eficiência e carinho que dedica ao  
Curso de Especialização

Aos meus amigos, pela confiança, apoio e paciência

Aos meus familiares, pais e irmãos, pelo carinho em todos os momentos

## SUMÁRIO

RESUMO .....	4
1. Introdução .....	5
2. Ocidente.....	10
3. China.....	23
3.1. Escola do Yin-Yang ou Escola Naturalista .....	23
3.2. Escola dos Cinco Elementos.....	30
3.3. Escola Taoísta .....	32
3.4. Escola de Confúcio ou Escola dos Letrados.....	36
3.5. Escola Moísta.....	38
3.6. Medicina.....	39
4. Conclusões .....	45
5. Referências Bibliográficas.....	46

## RESUMO

Cerqueira, N.F. Medicina no Ocidente e na China: uma abordagem filosófica. Botucatu, 2004. 47p. Trabalho de conclusão do curso de especialização em Acupuntura Veterinária – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

As ciências humanas têm muito a contribuir com o desenvolvimento das ciências da saúde e da medicina em particular. Com o objetivo de entender as diferenças existentes entre o pensamento médico no ocidente e na China, bem como encontrar possíveis semelhanças entre eles, realizou-se uma revisão de alguns conceitos históricos e filosóficos dessas duas regiões. Para tal, foram abordados alguns pensadores ocidentais, desde a Grécia antiga até os dias atuais, bem como o conteúdo de algumas escolas filosóficas que preponderaram na China. No ocidente, foram citados os legados de personalidades como Hipócrates, Galeno, Descartes, Einstein, entre outros. Na China, foram abordadas teorias, como a do yin-yang, cinco elementos, taoísmo, confucionismo e moísmo.

**Palavras-chave:** filosofia, ocidente, China, acupuntura.

## 1. Introdução

Dois antigos sistemas médicos – um ocidental e outro oriental – apresentam conceitos de saúde e de doença que se assemelham mutuamente em vários aspectos. Um desses sistemas é a tradição da medicina hipocrática, que está nas raízes da ciência médica ocidental; o outro é o sistema da medicina chinesa clássica, que serve de base à maioria das tradições médicas do leste asiático (Capra, 1982).

Em sua origem, a medicina ocidental era uma ciência essencialmente humanística. Suas raízes vieram da filosofia da natureza e seu sistema teórico partia de uma visão holística que entendia o homem como ser dotado de corpo e espírito. O médico deveria ser um sábio que, na formulação do seu diagnóstico, deveria levar em conta não apenas os dados biológicos, mas também os ambientais, culturais, sociológicos, familiares, psicológicos e espirituais, pois, para o homem grego, os deuses não deixavam de ser sujeitos ativos na história e na vida das pessoas. O médico clássico portanto era, antes de tudo, um filósofo; um conhecedor das leis da natureza e da alma humana (Gallian, 2001).

Esse foi o modelo, a concepção de médico e de medicina, que se perpetuou historicamente – obviamente não sem mudanças, rupturas e transformações – no Ocidente até bem pouco tempo atrás (Gallian, 2001).

Na Idade Média, apesar das grandes transformações causadas pelas invasões bárbaras e pela difusão do Cristianismo e do Islamismo, todo o pensamento filosófico e científico ocidental e oriental continuou, essencialmente, fundamentado no patrimônio clássico (Gallian, 2001).

No Renascimento, no alvorecer da Modernidade, muitos dos postulados clássicos começaram a ser revistos, graças ao espírito investigativo que caracterizou o período, com Michelangelo revolucionando a anatomia ou, um pouco mais adiante, com Vessálio contestando a Hipócrates (Gallian, 2001).

Mesmo a “nova ciência” do século XVII, que concluiu a obra de desconstrução do conhecimento médico clássico-escolástico, e o Iluminismo, que estabeleceu as bases do método científico

contemporâneo, não deixaram de reafirmar o caráter amplamente humanístico da medicina, vista não apenas como ciência mas também como arte (Gallian, 2001).

Apesar do rápido desenvolvimento do chamado método experimental – ou simplesmente “método científico” – durante o século XIX, a visão humanística da medicina continuou a dominar diversas gerações de médicos em todo o mundo. Durante essa época estabeleceu-se a imagem romântica do médico sábio, conhecedor dos avanços científicos no campo da clínica, da patologia e da farmacologia, mas também amante da literatura, da filosofia e da história. Homem culto, o médico romântico aliava seus conhecimentos científicos com os humanísticos e utilizava ambos na formulação dos seus diagnósticos e prognósticos. Conhecedor da alma humana e da cultura em que se inseria, já que invariavelmente andava muito próximo de seus pacientes – como médico de família que era – o médico sabia que curar não era uma operação meramente técnica, mas fundamentalmente humano-científica; uma operação que envolvia elementos de caráter cultural e psicológico (Gallian, 2001).

Não se pode estranhar, portanto, que o médico assumisse outras atividades além da medicina: as artes, as ciências, a história, a literatura, a política, dentre outras (Gallian, 2001).

Paradoxalmente, o mesmo século XIX, que assistiu à consagração da moderna medicina humanística em sua versão romântica, marcou também o início da sua crise. Principalmente a partir da segunda metade desse século, as importantes descobertas em campos como o da microbiologia desencadearam uma verdadeira revolução no terreno da patologia, gerando profundas transformações na ciência médica como um todo (Gallian, 2001).

O desenvolvimento das análises laboratoriais e de outros métodos clínicos incrementaram consideravelmente a formulação dos diagnósticos, assim como o aparecimento de medicamentos, como a penicilina, propiciaram aos médicos uma eficácia na cura e um domínio sobre as

doenças sem precedentes na história. Assistia-se a um verdadeiro “milagre” e, ao se iniciar o século XX, tudo dava a entender que a medicina estava prestes a atingir a sua idade de ouro, o seu estágio de “ciência exata”. O que se passava na medicina ocidental, nesse momento, não deixava de ser uma manifestação do sentimento que dominava uma grande parcela dos cientistas, intelectuais e ideólogos da época: a crença religiosa no poder salvador da ciência (Gallian, 2001).

Os enormes progressos alcançados graças às ciências físicas, químicas e biológicas, aliados aos desenvolvimentos tecnológicos, foram, cada vez mais, redirecionando a formação e a atuação do médico, modificando também sua escala de valores. Na medida em que o prestígio das ciências experimentais foi crescendo, o das ciências humanas esvanecia-se no meio médico (Gallian, 2001).

Desde as suas origens, a medicina fundamentou-se no estudo dos componentes biológicos do corpo para construir suas teorias, elaborar seus diagnósticos e determinar seus tratamentos. Entretanto, nunca em sua história como a partir desse período, que se inicia no século XIX e se estende até nossos dias, essa fundamentação chegou a ser tão absoluta e dogmática (Gallian, 2001).

Por outro lado, desde o início, a filosofia chinesa apresentou dois aspectos complementares. Por serem um povo prático, com uma consciência social altamente desenvolvida, os chineses contavam com escolas filosóficas voltadas, de uma forma ou de outra, para a vida em sociedade, com suas relações humanas, valores morais e governo. Esse, no entanto, é só um aspecto do pensamento chinês. Complementando-o, encontra-se o lado místico do caráter chinês; este aspecto exigia que o objetivo mais elevado da filosofia fosse o de transcender o mundo da sociedade e da vida cotidiana e alcançar um plano mais elevado de consciência (Capra, 1975).

Durante o século VI a.C., esses dois aspectos da filosofia chinesa desenvolveram-se em duas escolas filosóficas distintas, o confucionismo e o taoísmo. O confucionismo era a filosofia da organização social, do

senso comum e do conhecimento prático, que fornecia à sociedade chinesa um sistema de educação e convenções estreitas do comportamento social. Um de seus objetivos básicos era estabelecer uma base ética para o sistema familiar tradicional, com sua estrutura complexa e seus rituais de adoração dos ancestrais. O taoísmo, por outro lado, voltava-se primariamente para a observação da natureza e a descoberta do Caminho, ou Tao. A felicidade humana, segundo os taoístas, é alcançada quando os homens seguem a ordem natural, agindo espontaneamente e confiando em seu próprio conhecimento intuitivo (Capra, 1975; Chen, 2001).

Essas duas correntes de pensamento representam pólos opostos na filosofia chinesa; na China, entretanto, sempre foram consideradas pólos de uma única natureza humana e, portanto, complementares. O confucionismo era geralmente destacado quando se tratava da educação das crianças, que tinham de aprender as regras e convenções necessárias à vida em sociedade, ao passo que o taoísmo costumava ser seguido por indivíduos mais idosos, empenhados em obter e desenvolver novamente a espontaneidade original destruída pelas convenções sociais. Nos séculos XI e XII, a Escola Neoconfucionista tentou promover uma síntese do confucionismo, do budismo e do taoísmo; essa tentativa culminou na filosofia de Chu Hsi, um dos maiores pensadores chineses (Capra, 1975).

Como em todas as outras tradições teóricas desenvolvidas na China primitiva, os conceitos de yin e yang são centrais. O universo inteiro, natural, e social, encontra-se em estado de equilíbrio dinâmico, com todos os seus componentes oscilando entre os dois pólos arquetípicos. O organismo humano é um microcosmo do universo; às suas partes são atribuídas qualidades yin e yang; assim, o lugar do indivíduo na grande ordem cósmica é firmemente estabelecido (Capra, 1982).

Esse modo correlativo e dinâmico de pensamento é básico para o sistema conceitual da medicina chinesa. O indivíduo saudável e a



sociedade saudável são partes integrantes de uma grande ordem padronizada, e a doença é a desarmonia no nível individual ou social. Além do simbolismo yin-yang, os chineses usavam um sistema chamado *Wu Hsing*, usualmente traduzido como os “cinco elementos”. Quando essa teoria se fundiu com os ciclos yin-yang, o resultado foi um sistema elaborado em que cada aspecto do universo era descrito como uma parte bem definida de um todo dinamicamente padronizado. Esse sistema formou a base teórica para o diagnóstico e o tratamento de doenças (Capra, 1982).

A idéia chinesa do corpo sempre foi predominantemente funcional e preocupada mais com as inter-relações de suas partes do que com a exatidão anatômica. Assim, o conceito chinês de um órgão físico refere-se a todo um sistema funcional, considerado em sua totalidade, paralelamente às partes aplicáveis do sistema de correspondências. Por exemplo, a idéia dos pulmões, inclui não só os próprios pulmões, mas todo o aparelho respiratório, o nariz, a pele e as secreções associadas a esses órgãos. No sistema de correspondências, os pulmões estão associados ao mental, à cor branca, a um gosto picante, ao pesar e ao negativismo, e a várias outras qualidades e fenômenos (Capra, 1982).

A doença não é considerada um agente intruso, mas o resultado de um conjunto de causas que culminam em desarmonia e desequilíbrio. Entretanto, a natureza de todas as coisas, incluindo o organismo humano, é tal que existe uma tendência natural para se retornar a um estado dinâmico de equilíbrio. As flutuações entre equilíbrio e desequilíbrio são vistas como um processo natural que ocorre ao longo de todo o ciclo vital. Assim os textos tradicionais não traçam uma linha divisória nítida entre saúde e doença. Tanto a saúde quanto a doença são consideradas naturais e parte de uma seqüência contínua. São aspectos do mesmo processo, em que o organismo individual muda continuamente em relação ao meio ambiente inconstante (Capra, 1982).

Como a doença será, em dados momentos, inevitável no processo vital, a saúde perfeita não é o objetivo essencial do paciente ou do

médico. A finalidade da medicina chinesa é, antes, realizar a melhor adaptação possível do indivíduo ao meio ambiente como um todo. Para se alcançar essa meta, o paciente desempenha um papel importante e ativo. Na concepção chinesa, o indivíduo é responsável pela manutenção de sua própria saúde e até, em grande parte, pela recuperação da saúde quando o organismo se desequilibra. O médico participa do processo, mas o paciente é o principal responsável (Capra, 1982).

É fácil perceber que um sistema de medicina que considere o equilíbrio e a harmonia como o meio ambiente a base da saúde enfatiza necessariamente as medidas preventivas. Com efeito, o papel principal dos médicos chineses sempre foi o de evitar o desequilíbrio de seus pacientes (Capra, 1982).

Esses conceitos e atitudes demonstram que o papel do médico é bem diferente daquele desempenhado no ocidente. Na medicina ocidental, o médico que goza da mais alta reputação é o especialista, com um conhecimento detalhado sobre uma parte específica do corpo. Na medicina chinesa, o médico ideal é um sábio, que entende que todos os modelos do universo funcionam em conjunto; que trata dos pacientes individualmente; cujo diagnóstico não classifica o paciente como portador de uma doença específica, mas que registra o mais completamente possível o estado total da mente e do corpo do indivíduo e tal relação com o meio ambiente natural e social (Capra, 1982).

## **2. Ocidente**

No ocidente, até o aparecimento dos filósofos da natureza, tanto a causa como a cura da doença eram atribuídos às divindades. Para o entendimento da medicina grega anterior a 750 a.C., as mais antigas referências escritas encontram-se nas obras de Homero. Embora de caráter mítico em sua maioria, deixam entrever a existência de médicos práticos, conhecedores de plantas medicinais e de técnicas cirúrgicas adequadas ao tratamento de feridas de guerra (Ribeiro Jr, 2003).

Se a causa da doença era a cólera de um deus, o diagnóstico dependia de um adivinho, intérprete por excelência dos desígnios divinos. Desse ponto de vista, o tratamento, que consistia em oferecer sacrifícios e entoar hinos em louvor à divindade, prescindia dos médicos (Ribeiro Jr, 2003).

Poucos mitos podem ser acompanhados, em sua gênese e evolução, tão de perto como o de Asclépio (Ribeiro Jr, 2003). De acordo com a versão mais aceita, Asclépio (Esculápio, na mitologia romana) era filho de Apolo e da ninfa Corônís. Seu nascimento deu-se por parto cesariana, procedimento que os gregos registram desde 1200 a.C. Originalmente, era Apolo quem afastava as epidemias com suas flechas, até confiar seu filho ao cuidados do centauro Quíron, médico formado no saber de Apolo, cujo nome grego *Kheíron* provém de *kheirurgós* (aquele que trabalha com as mãos), de onde saiu o nome "cirurgião" (Urban, 2002). Além de Asclépio, o deus, pode ter também existido um médico com esse nome, que se dizia ser habilidoso em cirurgia e no uso de drogas, e que era reverenciado como o fundador da medicina (Capra, 1982).

O deus Asclépio aprendeu rapidamente a medicina e tornou-se capaz de curar praticamente todas as doenças e traumas. Depois de algum tempo começou a ressuscitar os mortos, e aí Hades, o rei dos mortos, foi se queixar a Zeus, pois seu reino estava ficando vazio. Para que a ordem natural das coisas não fosse conturbada, Zeus fulminou Asclépio com um raio, mas em reconhecimento de seus méritos, recebeu-o entre as divindades (Ribeiro Jr, 2003).

Asclépio era chefe de uma família dedicada à medicina. Seus filhos, Podalírios e Macaón, surgem como médicos da *Ilíada*, além de Higéia e Panacéia, que cuidavam das serpentes no templo; a primeira, dedicada à higiene (medicina preventiva); a segunda, à cura das doenças (Urban, 2002; Ribeiro Jr, 2003).

Higéia velava pela manutenção da saúde, personificando a sabedoria, segundo a qual as pessoas seriam saudáveis se vivessem

sabidamente. Panacéia especializava-se no conhecimento de remédios, derivados das plantas ou da terra. A busca de uma panacéia, ou cura para todos os males, tornou-se um tema dominante na moderna ciência biomédica, que freqüentemente oscila entre os dois aspectos da assistência à saúde simbolizados pelas duas deusas (Capra, 1982).

Asclépio fundou uma Escola de Medicina, também hospital; na verdade, um templo destinado a receber doentes de toda a parte que vinham se submeter a tratamentos mágicos. Com a cotidiana observação dos casos e mediante larga prática clínica, a arte médica dos gregos pôde dar seu primeiro passo no universo do "espírito científico", base de toda a medicina acadêmica do mundo ocidental (Urban, 2002).

A medicina praticada por eles era ainda uma "ciência" eminentemente prática, restrita ao tratamento das feridas de guerra. Em várias passagens da *Ilíada*, porém, Homero deixa entrever que esses médicos tinham também muitos conhecimentos referentes ao uso de plantas medicinais, úteis para o tratamento de ferimentos e em outras situações (Ribeiro Jr, 2003).

O primeiro médico grego de que temos notícia foi Demócedes (fim do século VI a.C.), porém, os mais antigos textos de medicina que chegaram a nós são de autoria de Álcmeon de Crotona, filósofo e médico, que viveu no início do século V a.C. e recebeu algumas influências dos pitagóricos. Ele dizia que a saúde era o resultado do equilíbrio entre os poderes que atuavam no organismo e que os órgãos dos sentidos eram ligados ao cérebro (Ribeiro Jr, 2003).

Empédocles de Acragás (492-432 a.C.) foi um filósofo com alguns interesses ligados à Medicina. Sua famosa teoria dos quatro elementos constituintes do universo - terra, ar, fogo e água -, aplicada à composição do corpo humano, foi adotada pela medicina durante os dois milênios seguintes (Ribeiro Jr, 2003).

O filósofo Diógenes de Apolônia (440 a.C.) acreditava que o ar era o fator mais importante para a saúde e a doença, e que as doenças

podiam ser diagnosticadas pelas "cores" do doente e também através do exame da língua (Ribeiro Jr, 2003).

Os médicos gregos intitulavam-se asclepiadas (filhos de Asclépio) e formavam corporações médicas que pregavam uma forma de medicina baseada no conhecimento empírico. Embora os asclepiadas não tivessem ligação com a terapia de sonhos dos sacerdotes do templo, as duas escolas não competiam entre si, mas complementavam-se. As asclepiadas mais famosas foram a de Pérgamo, a de Cós, e a de Cnidos, esta a mais antiga, do séc. VII a.C. Nelas se praticava, além das preces e oferendas aos deuses, a ausculta dos pulmões com os ouvidos colados ao tórax, incisões renais e outros feitos. Nelas moravam também os escribas, cuja função era registrar em "tábuas votivas" o que lhes contavam os pacientes curados (Urban, 2002).

Cnidos, na Anatólia, e Cós, na costa ocidental da Ásia Menor, eram os dois mais importantes e influentes centros de Medicina. Os médicos mais conhecidos do fim do século V a.C. foram Nicômaco (pai do filósofo Aristóteles) e Filistion de Locris, ligados a Cnidos; e, é claro, o famoso Hipócrates (460-380 a.C.), a quem a tradição atribui a elevação da medicina à categoria de arte. Ele representou a culminação da medicina grega e teve uma influência duradoura sobre a ciência médica ocidental (Capra, 1982; Ribeiro Jr, 2003).

Hipócrates nasceu em Cós; seu pai, um médico, mandou-o estudar em Atenas. Ao regressar, fundou a Asclepiade de Cós. Criou o método de observação ao pé do leito, descrevendo cada um dos casos, sentindo o operar tênue ou abrupto dos sintomas. Hipócrates formalizou, assim, uma extensa obra, maior parte dela escrita por seus alunos, que cristalizava o saber empírico das tábuas votivas num pensamento sistematizado e notável, desligando a medicina das crenças mágicas. Nascia assim a ciência médica ocidental, marcada pelo rompimento de Cós com a medicina religiosa praticada pela escola rival de Cnido, bem como por todo o restante da Grécia (Urban, 2002).

Segundo a tradição, foi o maior médico da Grécia Antiga e, possivelmente, de toda a Medicina Ocidental. Na Antigüidade, era chamado de “pai da medicina”, e sua importância é tão grande que, a exemplo da filosofia, pode-se dividir a história da medicina em “pré-hipocrática” e “hipocrática” (Ribeiro Jr, 2003).

Sua fama se deve, basicamente, ao *Corpus hippocraticum*, uma extensa coleção de tratados médicos a ele atribuídos pela tradição, escritos entre os séculos V a.C. e II a.C. São aproximadamente 60 tratados, de temática muito variada, distribuídos em cerca de 70 livros. A influência desses textos na medicina foi enorme e perdurou até o século XVIII, e somente as modernas descobertas da ciência, a partir do século XIX, os suplantaram em importância nas escolas médicas (Ribeiro Jr, 2003).

Segundo a tradição, Hipócrates deu à medicina o impulso rumo ao diagnóstico, prognóstico e tratamento em bases científicas. Estabeleceu, além disso, um conjunto de normas de conduta que fundamenta até hoje a ética médica. Seus ensinamentos quanto à postura do médico podem ser resumidos no próprio “método hipocrático”: rigorosa observação do doente, análise racional dos fatos clínicos observados, escrupulosa correlação das causas e seus efeitos (Ribeiro Jr, 2003).

No âmago da medicina hipocrática está a convicção de que as doenças não são causadas por demônio ou forças sobrenaturais, mas são fenômenos naturais que podem ser cientificamente estudados e influenciados por procedimentos terapêuticos e pela judiciosa conduta de vida de cada indivíduo. Assim a medicina devia ser exercida como uma disciplina científica, baseada nas ciências naturais, abrangendo tanto a prevenção como seu diagnóstico e terapia. Essa atitude formou a base da medicina científica até hoje (Capra, 1982).

*Ares, águas e lugares*, um dos mais significativos livros do *Corpus hippocraticum*, mostra como o bem-estar dos indivíduos é influenciado pelos fatores ambientais – a qualidade do ar, da água e dos alimentos, a topografia da terra, os hábitos gerais de vida. A correlação entre

mudanças súbitas nesses fatores e o aparecimento de doenças é enfatizada, sendo a compreensão de efeitos ambientais considerada a base essencial da arte médica. Esse aspecto da medicina hipocrática foi seriamente negligenciado com a ascensão da ciência cartesiana (Capra, 1982).

Quanto ao processo de cura, Hipócrates reconheceu as forças curativas inerentes aos organismos vivos, forças a que chamou o “poder curativo da natureza”. O papel do médico consistia em ajudar essas forças naturais mediante a criação de condições mais favoráveis para o processo de cura. Além de definir o papel do terapeuta como o de um assistente para o processo de cura natural, os escritos hipocráticos também contêm um rigoroso código de ética médica, conhecido como *Juramento Hipocrático*, que permanece até os dias de hoje como o ideal da profissão médica (Capra, 1982).

Os mais antigos textos da *Coleção Hipocrática*, datados da segunda metade do século V a.C., transmitem-nos um panorama razoável da prática médica da época. O médico viajava muito, e os tratamentos eram remunerados geralmente pelo próprio doente, quando ele tinha meios para isso. Não era requerida nenhuma qualificação formal, e ao lado de médicos sérios proliferavam muitos charlatões. Devido ao caráter estritamente patriarcal da sociedade grega, somente os homens tinham acesso à profissão (Ribeiro Jr, 2003).

Todos os sofrimentos do corpo eram da alçada do médico, inclusive os problemas odontológicos. Cirurgias rudimentares já eram praticadas com relativo sucesso, especialmente no tratamento de fraturas, ferimentos e abscessos (Ribeiro Jr, 2003).

A terapêutica atuava em dois níveis: o do restabelecimento do equilíbrio dos humores, prejudicados pela doença, e a remoção da causa da doença, quando possível. Preconizava-se também uma dieta, que compreendia o regime de vida em sua totalidade: tipo, horário e quantidade de alimentos, exercícios, horas de sono, higiene pessoal, o

uso do vinho, as relações sexuais e, eventualmente, mudança de residência ou de cidade (Ribeiro Jr, 2003).

Não havia hospitais, nem enfermeiras; os doentes mais graves eram assistidos em suas próprias casas e os cuidados eram prestados pelos próprios familiares, pelos servos da casa e, eventualmente, pelos discípulos do médico (Ribeiro Jr, 2003).

Após a morte de Hipócrates, a importância dos médicos de Cós e de Cnidos declinou. Do século III a.C. em diante, os grandes centros médicos foram Alexandria, no Egito, e Pérgamo, na Ásia Menor. Apuraram-se os conhecimentos básicos de anatomia, fisiologia e embriologia, em grande parte graças a não-médicos como os filósofos Aristóteles (384-322 a.C.) e seu discípulo Teofrasto (371-287 a.C.), que estudaram grande número de animais e plantas (Ribeiro Jr, 2003).

O prestígio dos textos médicos da *Coleção Hipocrática* manteve-se inabalável até a época de Galeno, o mais famoso médico da Antigüidade depois de Hipócrates. Desse modo, os mais prestigiosos tratados médicos da Antigüidade foram os numerosos textos de Galeno, escritos em grego. Durante a Idade Média, chegaram a ter mais prestígio e autoridade que os textos hipocráticos (Ribeiro Jr, 2003).

Cláudio Galeno nasceu em Pérgamo, Ásia Menor, em 129; seu pai, Nicon, era um arquiteto de posses e lhe deu esmerada educação. Estudou gramática, retórica, lógica e filosofia até os 16 anos, quando seu interesse pela medicina foi despertado. Fez seus estudos médicos em Pérgamo e, mais tarde, em Esmirna, Corinto e Alexandria (Ribeiro Jr, 2003).

Galeno, que clinicou em Pérgamo e em Roma, analisou criticamente diversos tratados hipocráticos. Fez também numerosas descobertas em anatomia e fisiologia e aperfeiçoou os métodos de exame dos doentes (Ribeiro Jr, 2003).

Em 157, de volta a Pérgamo, foi designado médico dos gladiadores. Graças às violentas atividades de seus clientes adquiriu grandes conhecimentos de anatomia humana e obteve enorme



experiência no tratamento cirúrgico de fraturas e ferimentos graves. Em 162/164 estabeleceu-se em Roma e desfrutou de certo renome entre as classes abastadas, mas retornou a Pérgamo pouco depois, em 166, possivelmente para escapar de uma epidemia de peste (Ribeiro Jr, 2003).

Voltou a Roma em 169 e, logo, tornou-se o médico preferido da corte imperial. Teve, entre seus clientes, diversos senadores e os imperadores Marco Aurélio (121-180), Cômodo (162-192) e Septímio Severo (145-211). Foi nessa época que desenvolveu a maior parte de sua atividade profissional e científica, escreveu a maior parte de sua obra e fez suas famosas conferências públicas sobre anatomia e fisiologia (Ribeiro Jr, 2003).

Os estudos experimentais de Galeno foram pioneiros e verdadeiramente revolucionários para a época. Suas descobertas de anatomia e fisiologia, como por exemplo a descrição dos nervos sensoriais e motores, são importantes até hoje. Dissecava regularmente animais como porcos, bodes e macacos, e fazia também diversas experiências; extrapolava, então, suas descobertas para os seres humanos. Acabou cometendo, é claro, diversos erros, mas fez muitas descobertas fundamentais. Foi ele quem demonstrou, pela primeira vez, que os rins secretam urina, que os nervos saem do cérebro e que as artérias contêm sangue e não ar (Ribeiro Jr, 2003).

Ao contrário dos médicos gregos do fim do século V a.C., Galeno procurou integrar a filosofia e a medicina. Suas principais influências foram, em filosofia, Platão e Aristóteles; em medicina, os tratados hipocráticos e os médicos alexandrinos Herófilo e Erasístrato (Ribeiro Jr, 2003).

Procurava explicar, sempre, todos os fenômenos com que se deparava; às vezes, até mesmo sem embasamento algum. Acreditava que as funções psíquicas e físicas atuavam separadamente, que o corpo era apenas um instrumento da alma e que todos os órgãos estavam constituídos de acordo com o plano geral estabelecido por um ser supremo (Ribeiro Jr, 2003).

A partir das antigas idéias de Empédocles de Acragás sobre os quatro elementos fundamentais, Galeno desenvolveu ainda mais o conceito dos humores (fleuma, sangue, bile amarela, bile negra). Postulou que a doença era apenas um desequilíbrio entre esses humores, e que cabia ao tratamento restabelecer o equilíbrio perdido (Ribeiro Jr, 2003).

A doutrina médica estabelecida por Galeno, coerente e completa, formou o arcabouço do conhecimento médico durante os 1500 anos seguintes. Suas idéias sobre a alma e o ser supremo, naturalmente, eram muito do agrado dos teólogos cristãos da Idade Média. A autoridade de sua obra era tamanha que, quando a observação direta contrariava seus escritos, os fatos observados eram desconsiderados (Ribeiro Jr, 2003).

Nada sabemos de seus últimos anos. Acredita-se que morreu em Roma por volta de 200, mas também é possível que antes ele tenha retornado a Pérgamo (Ribeiro Jr, 2003).

Galeno foi tão prestigiado quanto Aristóteles pela Escolástica, que encontrava em ambos as provas de que a doutrina cristã era a única verdade sobre a Terra. Paracelso (1493-1541), indignado por razões desse tipo, comemorou seu doutorado na Universidade de Medicina da Basiléia de modo original, queimando livros de Galeno em praça pública, acusando-o de não compreender Hipócrates. Corruptela da hipocrática, a medicina galênica estruturou-se com o passar dos séculos num terreno dominado pela lógica aristotélica, que desembocou vitoriosa no séc. XVII sob o nome de “ciência moderna”, marcada pelas idéias de Galileu e Newton. A alopatia, desde então, nada mais é que o aprimoramento científico da medicina galênica, ao mesmo tempo um mero equívoco conceitual sobre aquilo que Hipócrates chamara ciência dos opostos (Urban, 2002). Estudos recentes sugerem que há uma grande distância entre o pensamento hipocrático e a atual medicina científica (Ribeiro Jr, 2003).

No século XIII, Tomás de Aquino (1225-1274) combinou o abrangente sistema da natureza de Aristóteles com a teologia e a ética cristãs. A natureza da ciência medieval baseava-se na razão e na fé, e

sua principal finalidade era compreender o significado das coisas e não exercer a predição ou o controle (Capra, 1982).

A revolução científica começou com Nicolau Copérnico (1473-1543), que se opôs à concepção geocêntrica de Ptolomeu e da bíblia, que tinha sido aceita como dogma por mais de mil anos. Depois de Copérnico, a terra deixou de ser o centro do universo para tornar-se meramente um dos muitos planetas que circundam um astro secundário nas fronteiras da galáxia; e ao homem foi tirada sua orgulhosa posição de figura central da criação de Deus. A Copérnico seguiu-se Johannes Kepler (1571-1630), cientista e místico que se empenhava em descobrir a harmonia das esferas e formular as leis empíricas do movimento planetário, que vieram corroborar o sistema de Copérnico. Mas a verdadeira mudança na opinião científica foi provocada por Galileu Galilei (1564-1642), que estabeleceu a hipótese de Copérnico como teoria científica válida (Capra, 1982).

Enquanto Galileu realizava engenhosos experimentos na Itália, Francis Bacon (1561-1626) descrevia explicitamente na Inglaterra o método empírico da ciência. Bacon foi o primeiro a formular uma teoria clara do procedimento indutivo – realizar experimentos e extrair deles conclusões gerais, a serem testadas por novos experimentos. Com isto estava lançada a pedra angular do método experimental, até hoje tido como o caminho mais seguro para alcançar a verdade científica (Capra, 1982; Cardoso, 1995).

O “espírito baconiano” mudou profundamente a natureza e o objetivo da investigação científica. Desde a antigüidade, os objetivos da ciência tinham sido a sabedoria, a compreensão da ordem natural e a vida em harmonia com ela. Esses eram propósitos yin, ou integrativos. No século XVII, essa atitude inverteu-se totalmente; passou de yin para yang, da integração para a auto-afirmação. A partir de Bacon, o objetivo da ciência passou a ser aquele conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza (Capra, 1982).

O nascimento da ciência moderna foi precedido e acompanhado por um desenvolvimento do pensamento filosófico que deu origem a uma

formulação extrema do dualismo espírito/matéria. Essa formulação veio à tona no século XVII, através da filosofia de René Descartes.

René Descartes (1596-1650) é usualmente considerado o fundador da filosofia moderna. A crença na certeza do conhecimento científico está na base da filosofia cartesiana e, ainda hoje, é muito difundida e reflete-se no cientificismo que se tornou típico de nossa cultura ocidental. Descartes desenvolveu um novo método de raciocínio que apresentou em seu mais famoso livro, *Discurso do Método* (Capra, 1982).

O método de Descartes tinha por finalidade apontar o caminho para se chegar à verdade científica e consistia em decompor pensamentos e problemas em suas partes componentes e em dispô-las em sua ordem lógica. Esse método analítico de raciocínio é provavelmente a maior contribuição de Descartes à ciência. A ênfase dada ao método cartesiano levou à atitude generalizada de reducionismo na ciência – a crença em que todos os aspectos podem ser compreendidos se reduzidos às suas partes constituintes (Capra, 1982). Esta mentalidade reducionista levou o homem moderno a uma visão fragmentada não somente da verdade, mas também de si mesmo, de seus sentimentos e de seus valores. Se por um lado a especialização tornou possível as valiosas conquistas científicas e tecnológicas, por outro, o homem atual separou razão e sentimento, ciência e ética, utilidade e felicidade (Cardoso, 1995).

Outro legado cartesiano para a cultura ocidental moderna foi a divisão entre matéria e mente como dois elementos separados e fundamentalmente diferentes. A alma (*res cogitans*), pertencente ao mundo da liberdade, está enclausurada circunstancialmente no corpo (*res extensa*), próprio do mundo do determinismo. O racionalismo cartesiano contém em seu bojo a semente da concepção mecanicista de universo (Cardoso, 1995). O cogito cartesiano, como passou a ser chamado, fez com que Descartes privilegiasse a mente em relação à matéria e levou-o à conclusão de que as duas eram separadas e fundamentalmente

diferentes. A divisão cartesiana entre matéria e mente teve um efeito profundo sobre o pensamento ocidental (Capra, 1982; Moroz, 1994).

Percebe-se que o racionalismo de Descartes e o empirismo de Bacon, embora opostos, acabaram por oferecer os dois critérios de verdade do paradigma moderno: a lógica matemática e a experimentação. Com Isaac Newton (1643-1727) surgiu a grande síntese das duas correntes metodológicas. Em *Princípios matemáticos da filosofia natural*, ele realizou a mais completa sistematização matemática da concepção mecanicista da natureza, fundamento não apenas da física, mas de toda ciência moderna. Sendo apenas máquina, o universo – e consequentemente o corpo humano – poderia ser desmontado e seus segredos compreendidos racionalmente, sem nenhum temor de sacrilégio. Por esta razão, a medicina moderna ocidental desconsiderou por muito tempo a dimensão psicológica das doenças. Nelas, o Iluminismo simbolizou a força mais expressiva do poder racional do homem sobre a natureza (Capra, 1982; Cardoso, 1995).

Da segunda metade do século XVII até o fim do século XIX, o modelo mecanicista newtoniano do universo dominou todo o pensamento científico. A concepção mecanicista da natureza está intimamente relacionada com um rigoroso determinismo, em que a gigantesca máquina cósmica é completamente causal e determinada. Esse modelo caminhava paralelamente com a imagem de um Deus monárquico que, das alturas, governava o mundo, impondo-lhe a lei divina. As leis fundamentais da natureza, objeto da pesquisa científica, eram então encaradas como leis de Deus, ou seja, invariáveis e eternas, às quais o mundo se achava submetido (Capra, 1975; 1982).

No século XIX, a cosmovisão mecanicista desaguou no evolucionismo de Darwin (1809-1882), no positivismo de Comte (1798-1857), nas teorias behavioristas de Pavlov (1849-1936) e no determinismo psíquico de Freud (1856-1939). O próprio materialismo histórico de Marx (1818-1883) também sofreu influência deste paradigma do pensamento moderno, na medida em que defendeu o racionalismo científico, o dogma

da objetividade e o poder absoluto do homem sobre a natureza em nome do progresso da civilização (Cardoso, 1995).

Lamarck (1744-1829) foi o primeiro a propor uma teoria coerente da evolução e, muitas décadas depois, Charles Darwin sintetizou as idéias da evolução biológica, em seu *Origem das Espécies*. A descoberta da evolução em biologia forçou os cientistas a abandonarem a concepção cartesiana segundo a qual o mundo era uma máquina inteiramente construída pelas mãos do criador (Capra, 1982).

No final do século XIX, a mecânica newtoniana tinha perdido seu papel de teoria fundamental dos fenômenos naturais. Os ensaios científicos de Albert Einstein (1879-1955) marcaram o começo do pensamento do século XX e as duas teorias básicas da física moderna transcenderam os principais aspectos da visão de mundo cartesiana e da física newtoniana. A teoria quântica mostrou o mundo não pode ser analisado a partir de elementos isolados, independentes. A noção de partes separadas – como átomos ou partículas subatômicas – é uma idealização com validade somente aproximada. A teoria da relatividade provocou uma drástica mudança em nossos conceitos de espaço e tempo. Apesar disso, a visão de mundo cartesiana e os princípios da física newtoniana mantêm sua forte influência sobre o pensamento científico ocidental (Capra, 1982).

Um número significativo de cientistas e intelectuais de várias áreas do conhecimento defende a idéia de que um novo paradigma está sendo construído, buscando a superação da visão racionalista-mecanicista de mundo que dominou a cultura ocidental nos últimos trezentos anos (Milburn, 1994; Cardoso, 1995).

O novo paradigma que emerge atualmente pode ser descrito de várias maneiras. Pode-se chamá-lo de uma visão de mundo holística, que enfatiza o todo em vez das partes, ou pode-se também chamá-lo de visão de mundo ecocêntrica ou ecológica. A consciência ecológica reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito

entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processo cíclicos da natureza (Capra, 1975; Cardoso, 1995).

### **3. China**

#### **3.1. Escola do Yin-Yang ou Escola Naturalista**

O conceito de yin-yang é provavelmente o mais importante e distintivo da teoria da Medicina Chinesa e, juntamente com o do Chi (Qi), tem permeado a filosofia chinesa há séculos, sendo radicalmente diferente de qualquer idéia filosófica ocidental. Em geral, a lógica ocidental é baseada na oposição dos contrastes, sendo esta a premissa fundamental da lógica aristotélica. De acordo com essa lógica, os opostos não podem ambos ser verdadeiros. Isso tem dominado o ocidente por mais de 2000 mil anos. O conceito chinês do yin-yang é radicalmente diferente deste sistema de pensamento: yin e yang representam qualidades opostas mas também complementares. Cada coisa ou fenômeno poderia existir por si mesma ou pelo seu oposto. Além disso, yin contém a semente do yang e vice-versa, de maneira que, contrariando a lógica aristotélica, A também pode ser o anti-A (Aaskster, 1986; Maciocia, 1996; Chamberlain, 1998).

A escola filosófica que desenvolveu a teoria do yin e yang ao seu mais alto nível é chamada de Escola Yin-Yang. Dedicava-se ao estudo do yin-yang e dos cinco elementos, e seu principal expoente foi Zou Yan (350-270 a.C.). Esta escola é também chamada de Escola Naturalista, uma vez que interpreta a natureza de modo positivo, além de utilizar leis naturais a fim de obter vantagens para o homem, não por meio da submissão e controle da mesma, como acontece na ciência ocidental moderna, mas agindo em harmonia com suas leis. Esta escola representa uma tendência à qual podemos atualmente chamar de Ciência Naturalista, e as teorias do yin-yang e dos cinco elementos servem para interpretar o fenômeno natural, incluindo o organismo humano, tanto na saúde como nas patologias (Maciocia, 1996).

As teorias do yin-yang e dos cinco elementos, sistematicamente elaboradas pela Escola Naturalista, tornaram-se uma herança comum às escolas de pensamento subseqüentes, particularmente às escolas neo-confucionistas das dinastias Song, Ming e Qing. Estas escolas combinaram a maior parte dos elementos das escolas anteriores de pensamento para formar uma filosofia coerente sobre Natureza, Ética, Ordem Social e Astrologia (Maciocia, 1996).

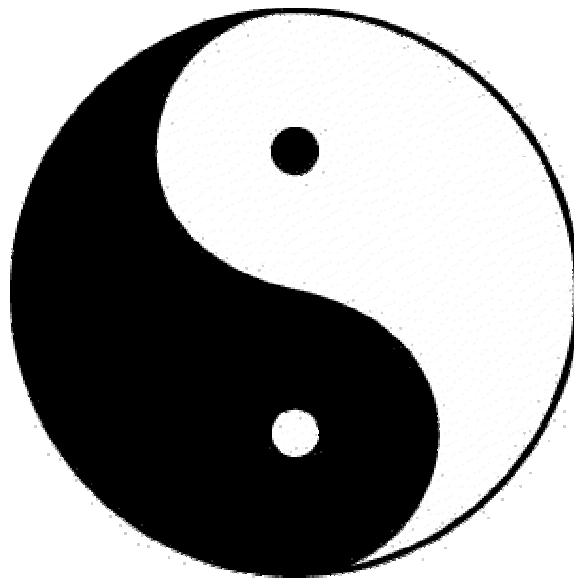
A origem do fenômeno yin-yang deve ter sido a partir da observação de camponeses sobre a alternância cíclica entre o dia e a noite. Desta maneira, o dia corresponde ao yang e a noite ao yin. A partir deste ponto de vista, yin e yang são dois estágios de um movimento cíclico, sendo que um interfere constantemente no outro, tal como o dia cede lugar para a noite e vice-versa. Em chinês, o caractere do yin indica o lado ensombrado de uma colina, enquanto o caractere yang indica o lado ensolarado (Maciocia, 1996).

Assim, sob este ponto de vista, yin e yang são essencialmente uma expressão de dualidade no tempo, uma alternância de dois estágios opostos. Cada fenômeno no universo se alterna por meio de um movimento cíclico de altos e baixos, e a alternância do yin e yang é a força motriz desta mudança e desenvolvimento. O dia se transforma em noite, verão em inverno, crescimento em deterioração e vice-versa. Desta maneira, o desenvolvimento de todos os fenômenos no universo é resultado de uma interação de dois estágios opostos, simbolizados pelo yin e yang, e cada fenômeno contém em si mesmo ambos os aspectos em diferentes graus de manifestação. O dia pertence ao yang, mas após alcançar o seu pico, ao meio-dia, o yin dentro dele começa gradualmente a se desdobrar e a se manifestar; portanto, cada fenômeno pode pertencer ao yin ou yang, mas sempre conterá a semente do estágio oposto em si mesmo (Maciocia, 1996).

O caráter dinâmico do yin e do yang é representado pelo antigo símbolo chinês denominando *Tai-Chi-Tu* (*Máximo Supremo* ou *Diagrama do Supremo Fundamental*), que representa bem a interdependência do



yin e yang (figura 1). Esse diagrama apresenta uma disposição simétrica do yin sombrio e do yang claro; a simetria, contudo, não é estática. É uma simetria rotacional que sugere, de forma eloqüente, um contínuo movimento cíclico. Os dois pontos do diagrama simbolizam a idéia de que toda vez que cada uma das forças atinge o seu ponto extremo, manifesta dentro de si a semente de seu oposto (Capra, 1975).



**Figura 1:** Símbolo do Tai-Chi-Tu, Máximo Supremo ou Diagrama do Supremo Fundamental

Na Escola Yin-Yang encontramos o pensamento básico de que, no princípio do universo existia uma energia única e primordial que, polarizada, deu origem à dualidade yin-yang, ou seja, duas energias complementares e antagônicas de cujas características participam todas as coisas e também o próprio homem e todos os seres vivos. Na parte branca (yang) existe a semente do yin e na parte escura (yin) a semente do yang. Neste símbolo está contida a idéia do movimento contínuo de ascensão e queda a que tudo está submetido: quando uma das energias atinge seu ponto máximo, declina e se transforma na outra (Maciocia, 1996; Chamberlain, 1998).

Graficamente, o yang, força ativa, positiva, masculina, é representado por um traço contínuo, enquanto o yin, energia passiva, negativa, feminina, é representado por um traço interrompido (figura 2).



**Figura 2:** Representação gráfica de Yin e Yang

A evolução destas duas energias dá origem aos bigramas, que representam o princípio quaternário encontrado no céu, na terra e nos homens, como resultado da alteração quantitativa do yin e do yang. Os bigramas, representados em forma de cruz e com a aplicação do raciocínio analógico, dão o quaternário da tradição relativamente às quatro fases da vida do homem, os quatro pontos cardeais, as quatro fases do dia e da lua, os quatro elementos, os quatro temperamentos hipocráticos etc. A representação yin-yang através dos bigramas tem sua evolução natural justapondo-se a cada um, mais um monograma - linha yin ou yang – e temos os trigramas que, em número de oito, combinados dois a dois nos dão os 64 hexagramas que compõem o *Livro das Mutações (I Ching ou I King)*. Acredita-se que os 64 hexagramas simbolizem todo fenômeno possível do universo e, portanto, mostram como todo fenômeno depende de dois pólos do yin e yang (Maciocia, 1996).

### 3.1.1. I Ching

As mais antigas exposições conhecidas sobre o yin e o yang estão contidas no *Hi zi*, pequeno tratado anexado ao *I Ching* (Granet, 1997).

O *I Ching* serviu de base para a evolução de todos os conhecimentos e permitiu o desenvolvimento de diversas artes taoístas, astrologia e medicina oriental. A origem do *I Ching* encontra-se na China pré-histórica e, devido à falta de escrita e à tradição oral da época, parte dos conhecimentos deve ter sido perdida no decorrer dos milênios (Inada, 2000).

De acordo com a tradição chinesa, o *I Ching* começou com o sábio imperador lendário Fu Hsi (2953 a.C.) e atribui-se a ele, entre muitas coisas, a domesticação de animais, a pesca e a criação dos oito trigramas básicos (Inada, 2000).

Segundo a lenda, o Fu Hsi foi reconhecido como patrono das artes divinatórias na China Antiga por causa da descoberta do *Ho Tu* (o mapa do rio Ho), que foi o protótipo mais antigo de *Pa-kuá* (céu anterior). O *Ho Tu*, posteriormente, deu origem aos Cinco Movimentos (Inada, 2000).

Pela tradição, o mais antigo *Pa-kuá* estava inscrito no dorso de um cavalo semelhante ao dragão (cavalo-dragão) que emergiu do rio Ho (rio Amarelo) para se revelar ao imperador Fu Hsi (Inada, 2000).

Conforme os historiadores da China Antiga, uma segunda personagem importante para o *I Ching* foi o último dos 10 imperadores lendários, Ta Yu, que fundou a Dinastia Hsia (2205-1766 a.C.), uma dinastia incerta, não confirmada pela arqueologia. Esse imperador descobriu o *Lo-Shu*, a escritura do rio Lo, na carapaça de uma tartaruga. O *Lo-Shu* é o protótipo do *Pa-Kuá posterior* (Inada, 2000).

Uma outra versão do *Lo-Shu* foi o aparecimento de uma tábua semi-esférica ou casco de tartaruga gigante, às margens do rio Lo, ao norte do continente chinês, onde havia uma inscrição do *Lo-Shu* (Inada, 2000).

Após um longo período de estudos, o *Lo-Shu* foi redesenhado na forma de um grande quadrado, dividido igualmente em nove partes iguais. Devido a sua influência na arquitetura recebeu o nome de “Nove Palácios” ou “Nove Salões” (Inada, 2000).

Ta Yu, da dinastia Hsia, seguiu o simbolismo do *Lo-Shu*, dividindo o país em nove estados e organizou o seu governo com nove ministérios. Esses nove estados não correspondem necessariamente às províncias atuais, mas são dos tempos lendários. Na divisão em nove estados, o governo real situava-se no centro (Inada, 2000).

No sistema de plantio agrícola, que também era baseado no *Lo-Shu*, as terras eram divididas e sulcadas em nove partes iguais, sendo

que cada uma das oitos partes iguais da periferia pertencia a uma família e a parte do centro ao governo. No período de plantio e colheita, todas as famílias se uniam em forma de mutirão, trabalhando em todas as nove partes da terra. A colheita da parte do meio ficava como imposto coletivo dessas oito famílias ao redor (Inada, 2000).

O centro do *Lo-Shu* é representado pelo número cinco que é símbolo da terra. A terra é sulcada pelos canais para plantação de arroz que é o símbolo da energia adquirida. Note-se que o Estômago e o Baço, que pertencem ao movimento terra, também estão localizados no centro do corpo (Inada, 2000).

Observa-se que a soma dos números dos “nove palácios”, em todas as direções (horizontal, vertical e diagonal) é sempre igual a 15, o que constitui o “quadrado mágico”, também estudado por Pitágoras (século VI a.C.). Provavelmente, Pitágoras teve a influência dos ensinamentos do *Lo-Shu*, que se difundiram em toda a Ásia, Tibete, Oriente Médio e Grécia (Inada, 2000).

A tradição reconhece, ao longo do tempo, mais três sábios que contribuíram posteriormente para o desenvolvimento do *I Ching*: o rei Wen Wang, o Duque Chou e Confúcio (Inada, 2000).

O rei Wei Wang derrotou o arrogante e corrupto imperador Shang Tsou, o último da Dinastia Shang (1766-1122 a.C.). O rei Wen Wang não ocupou o trono, deixando-o para o seu filho, o duque Chou, que assumiu como o primeiro soberano da Dinastia Chou (1122-256 a.C.) (Inada, 2000).

Atribuem-se ao rei Wen Wang e ao duque Chou as combinações dos oito trigramas básicos que deram origem ao sistema de 64 hexagramas do *I Ching* (Inada, 2000).

O filósofo Confúcio (King Fu Tsé) viveu entre 551 a 479 a.C., sendo contemporâneo de Lao Tse, período considerado idade de ouro da filosofia chinesa, época em que apareceu o primeiro pensamento chinês organizado filosoficamente. Diz ainda a tradição que coube a Confúcio a

classificação e organização dos clássicos já existentes em sua época, entre eles, o *I Ching* (Inada, 2000).

O *I Ching* era originalmente um oráculo, um livro de adivinhação. Através dos séculos, ele tem sido reconhecido como depositário da sabedoria oriental milenar, fundindo às duas correntes filosóficas chinesas principais – o taoísmo e o confucionismo – contidas nos comentários e interpretações das seis linhas dos hexagramas que o compõem. Relativamente à medicina e especificamente à acupuntura muito pode ser dito, pois o *I Ching* – a bíblia dos chineses – e o *Nei Ching* – a bíblia dos acupunturistas – são frutos da mesma árvore: a filosofia taoísta.

### 3.1.2. Chi

A Medicina Tradicional Chinesa também se baseia no equilíbrio do yin e do yang no corpo humano, sendo qualquer doença encarada como um rompimento desse equilíbrio. O corpo acha-se dividido em partes yin e yang. Globalmente falando, o interior do corpo é yin e sua superfície yang; a parte posterior é yang, a dianteira é yin; dentro do corpo, existem órgãos yin e yang. O equilíbrio entre todas essas partes é mantido por intermédio de um fluxo contínuo de chi, ou energia vital, que corre ao longo de um sistema de “meridianos” que contém os pontos utilizados na acupuntura. Cada órgão dispõe de um meridiano associado, de tal sorte que meridianos yang pertencem a órgãos yin e vice-versa. Sempre que o fluxo entre o yin e yang é bloqueado, o corpo adoece; a doença, contudo, pode ser curada fixando-se agulhas nos pontos de acupuntura para estimular e restaurar o fluxo de chi (Capra, 1975; Capra, 1982; Cadwell, 1998; Nestler, 2002).

Na concepção chinesa de saúde, o equilíbrio é um conceito fundamental. Os clássicos afirmam que as doenças tornam-se manifestas quando o corpo perde o equilíbrio e o chi não circula apropriadamente. São múltiplas as causas para tais desequilíbrios. Através de uma dieta sofrível, da falta de sono, de exercício, ou por se encontrar num estado de desarmonia com a família ou a sociedade, o corpo pode perder seu

equilíbrio, e é em momentos como esse que ocorre a doença. Entre as causas externas, as mudanças sazonais recebem especial atenção, e suas influências sobre o corpo são descritas minuciosamente. As causas internas são atribuídas a desequilíbrios no estado emocional da pessoa, classificados e associados a órgãos internos específicos, de acordo com o sistema de correspondência (Capra, 1982).

O conceito de chi, que desempenhou um importante papel em quase todas as escolas chinesas de filosofia natural, subentende uma concepção inteiramente dinâmica da realidade. A palavra significa literalmente “gás” ou “éter”, e era usada na antiga China para significar a energia ou o sopro vital que anima o cosmo. Mas nem um nem outro desses termos ocidentais descreve adequadamente o conceito. Chi não é uma substância, nem tem o significado puramente quantitativo do nosso conceito científico de energia. É usado na medicina chinesa de um modo muito sutil para descrever os vários padrões de fluxo e flutuação no organismo humano, assim como as trocas contínuas entre o organismo e seu meio ambiente. Chi não se refere ao fluxo de qualquer substância particular, mas parece representar o princípio de fluxo como tal, que, na concepção chinesa, é sempre cíclico (Capra, 1982).

### **3.2. Escola dos Cinco Elementos**

A teoria do yin-yang originou-se antes da teoria dos cinco elementos. A primeira referência ao yin-yang é encontrada na dinastia Zhou (por volta de 1000-770 a.C.), enquanto a primeira referência registrada dos cinco elementos é do período de guerra entre os estados (476-221 a.C.) (Maciocia, 1996). Porém, segundo Chevalier & Gheerbrant (1999), a teoria chinesa dos cinco elementos dataria do segundo milênio a.C. e teria aparecido em um pequeno tratado, considerado por alguns como sendo o mais antigo tratado da filosofia chinesa: o *Hong-Fan*. Ao mesmo tempo que a teoria do yin-yang, a teoria dos cinco elementos constitui a base da teoria da medicina chinesa (Maciocia, 1996).

Consequência natural dos quatro elementos, os cinco elementos ou movimentos se sucedem ininterruptamente, cada um dando origem ao que lhe sucede. Aristóteles deu uma interpretação dinâmica definitiva para os quatro elementos e os chamou de “forma primária”. Para Aristóteles, os quatro elementos se transformam nas quatro qualidades básicas do fenômeno natural, classificadas como combinações das quatro qualidades, quente, frio, seco e úmido. Os elementos aristotelianos poderiam até mesmo se transformar uns nos outros e gerar-se mutuamente. A doutrina ocidental dos quatro elementos ou agentes, encontrada no oriente sob a representação simbólica dos quatro bigramas deu origem à doutrina dos cinco elementos ou movimentos, e da representação gráfica em forma de cruz passamos ao pentágono ou pentagrama estrelado, usado como símbolo pelos pitagóricos (Macioccia, 1996).

A Escola dos Cinco Elementos ou Movimentos é uma das escolas taoístas e base fundamental para entender a acupuntura em toda a sua profundidade filosófica. A acupuntura é uma terapêutica sustentada por um sistema filosófico que nos faz entender o homem em si e no seu relacionamento com o meio ambiente e, por extensão, com o Universo.

A teoria dos cinco elementos não foi aplicada à medicina chinesa através de todo o seu desenvolvimento histórico, mas sua popularidade cresceu e diminuiu através dos séculos. Durante o período de guerra dos estados, ela se tornou imensamente popular e foi aplicada na medicina, astrologia, ciências naturais, calendário, música e mesmo na política. A sua popularidade foi tal, que a maior parte dos fenômenos foi classificada em cinco partes. Todavia, a crítica apareceu no início do século I. O grande filósofo cético Wang Chong (27-97 d.C.) criticou a teoria dos cinco elementos como muito rígida para interpretar todos os fenômenos da natureza corretamente (Macioccia, 1996).

A partir da dinastia Han, a influência da teoria dos cinco elementos na medicina chinesa começou a diminuir. Por exemplo, o *Grande Clássico Médico Chinês* da dinastia Han não menciona de maneira alguma os

cinco elementos. E foi só a partir da dinastia Song (960-1279) que a teoria dos cinco elementos recuperou sua popularidade e foi sistematicamente aplicada no diagnóstico, na sintomatologia e no tratamento na medicina chinesa. A partir da dinastia Ming, a influência da teoria dos cinco elementos decresceu novamente (Maciocia, 1996).

Pode-se dizer que a teoria dos cinco elementos e sua aplicação na medicina marcam o início do que nós podemos chamar de “medicina científica” e o início da partida do Shamanismo. Os curadores não mais procuravam uma causa sobrenatural para as patologias: agora eles observam a natureza e, com uma combinação dos métodos indutivo e dedutivo, começam a achar os padrões dentro disto e, por extensão, os aplicam na interpretação das patologias (Maciocia, 1996).

### 3.3. Escola Taoísta

O taoísmo é uma escola de sabedoria chinesa centrada no antigo conceito de "caminho", ou Tao. Enquanto filosofia (*Tao chia*), sua origem é atribuída aos ensinamentos do sábio Erh Li, conhecido como Lao Tsé (velho mestre), que teria vivido no século VI a.C. Segundo a tradição, Lao Tsé foi contemporâneo, embora mais idoso, de Confúcio. A ele é atribuído um pequeno livro de aforismos que é considerado o principal texto taoísta. Na China, esse trabalho é geralmente denominado apenas *Lao Tsé*; no ocidente é comumente denominado *Tao Te Ching*, o *Clássico do Caminho e do Poder*. O taoísmo religioso (*Tao chiao*) surgiu durante a dinastia Han, no século II d.C (Capra, 1975).

O segundo livro taoísta mais importante é o *Chuang Tse*, obra muito mais ampla que o *Tao Te Ching*, cujo autor, Chuang Tse deve ter vivido aproximadamente duzentos anos após Lao Tse. Segundo o conhecimento moderno, entretanto, o *Chuang Tse*, e provavelmente também o *Lao Tse*, não pode ser considerado como sendo o trabalho de um único autor; ao contrário, constituiriam uma coleção de escritos taoístas compilados por diferentes autores em diferentes épocas (Capra, 1975).



Os chineses acreditavam na existência de uma realidade última que é subjacente e que unifica todas as coisas e fatos que observamos. Essa realidade é denominada o Tao, palavra que, originalmente, significava “o Caminho”. É o caminho ou processo do universo, a ordem da natureza. Em tempos mais recentes, os confucionistas conferiram a esse termo interpretações distintas. Assim, falaram do Tao do homem ou do Tao da sociedade humana, entendendo-se como um modo de vida, um sentido moral (Capra, 1975).

Em seu sentido cósmico original, o Tao é a realidade última e indefinível como tal. O Tao é o processo cósmico no qual se acham envolvidas todas as coisas; o mundo é visto como um fluxo contínuo, uma mudança contínua. A característica principal do Tao é a natureza cíclica de seu movimento e sua mudança incessantes. Essa idéia deriva dos movimentos do sol e da lua e da mudança das estações, mas também era encarada como uma regra de vida. Os chineses crêem que sempre que uma situação se desenvolva até atingir o seu ponto extremo, é compelida a voltar e a se tornar o seu oposto. Essa crença básica lhes dá coragem e perseverança em tempos de dificuldade enquanto os torna cautelosos e modestos em tempos de sucesso (Capra, 1975).

A idéia de padrões cíclicos no movimento do Tao recebeu uma estrutura precisa com a introdução dos opostos polares yin e yang. São eles os dois pólos que estabelecem os limites para os ciclos de mudança. Na concepção chinesa, todas as manifestações do Tao são geradas pela inter-relação dinâmica dessas duas forças polares. Essa idéia é bastante antiga e muitas gerações aperfeiçoaram o simbolismo do par arquetípico yin e yang até que ele veio a se tornar o conceito fundamental do pensamento chinês (Capra, 1975).

A definição do *Hi zi* (pequeno tratado anexado ao *I Ching*) convida a ver no Tao uma totalidade, por assim dizer, alternante e cíclica. A mesma totalidade acha-se em cada uma das aparências, e todos os contrastes são imaginados segundo o modelo da oposição alternada da luz e da sombra. Acima das categorias yin e yang, o Tao desempenha o

papel de uma categoria suprema, que é a categoria de poder, total e ordem. Como o yin e o yang, o Tao é uma categoria concreta; não é um princípio primordial. Ele rege realmente as articulações de todos os grupos de realidade atuantes, mas sem ser considerado uma substância ou uma força. Exerce o papel de um poder regulador. Não cria os seres: faz com que eles sejam como são. Rege o ritmo das coisas. Toda realidade é definida por sua posição no tempo e no espaço; em toda realidade está o Tao; e o Tao é o ritmo do espaço-tempo (Granet, 1997).

A desconfiança em face do conhecimento e do raciocínio convencionais é mais forte no taoísmo do que em qualquer outra escola de filosofia oriental, baseando-se na sólida crença de que o intelecto humano jamais poderá compreender o Tao. O raciocínio lógico era considerado pelos taoístas como parte do mundo artificial do homem, lado a lado com a etiqueta social e os padrões morais. Os taoístas não se interessavam de forma alguma por este mundo, concentrando sua atenção integralmente na observação da natureza a fim de discernir as “características do Tao” (Capra, 1975).

O conceito taoísta de mudança não ocorre em consequência de qualquer tipo de força, mas sim como uma tendência inata em todas as coisas e situações. Os movimentos do Tao ocorrem espontânea e naturalmente, não exercendo pressão alguma sobre ela. A espontaneidade é o princípio do Tao. Dessa forma, uma vez que a conduta humana deve ser modelada de acordo com a operação do Tao, a espontaneidade deveria também ser a característica de toda ação humana. Agir em harmonia com a natureza equivale, para os taoístas, a agir espontaneamente e em consonância com a verdadeira natureza de cada indivíduo. Significa confiar na inteligência intuitiva do indivíduo, inata na mente humana da mesma forma que as leis da mudança são inatas a todas as coisas que nos cercam (Capra, 1975).

As ações do sábio taoísta decorrem, pois, de sua sabedoria intuitiva, espontaneamente em harmonia com o meio ambiente. Esse indivíduo não precisa exercer força sobre si mesmo ou sobre coisa

alguma ao seu redor; ele, simplesmente, adapta suas ações aos movimentos do Tao (Capra, 1975).

O Taoísmo religioso (*Tao Chiao*) surgiu na dinastia do imperador Han, no século II. Tchuang Tseu, um discípulo de Lao Tsé e filósofo chinês, desenvolveu e proliferou os ensinamentos de seu mestre. Tchuang Tseu escreveu uma média de 33 livros sobre a filosofia de Lao Tsé, que resultou na composição de 1120 volumes, os quais formam o Cânon Taoísta. Ele acreditava que o *Tao Te Ching* era a fonte da sabedoria e a solução para todos os problemas da vida. Somente a partir do século VII é que o taoísmo veio ser aceito como religião formal (Silva, 1998).

Enquanto o taoísmo filosófico é ateísta e leva o homem a uma harmonia com a natureza através do livre exercício dos instintos e imaginações, o taoísmo religioso é politeísta e leva o homem a contemplar e se sujeitar às leis aparentes da natureza, ao invés de tentar compreender a estrutura destes princípios. A doutrina básica do taoísmo se resume em uma forma prática, conhecida como as “três jóias”: compaixão, moderação e humilhação. A bondade, a simplicidade e a delicadeza também são virtudes que o taoísmo busca aparentar às pessoas (Silva, 1998).

A acupuntura, a massagem, a dietética, a fitoterapia e os exercícios físicos são as técnicas necessárias para “nutrir o corpo”, enquanto que, também a acupuntura, a meditação e os exercícios respiratórios são as usadas para “nutrir o espírito” (Aakster, 1986). O taoísmo afirma a existência de milhares de deuses no interior do corpo, relacionados não só com os dias do ano mas também com o pontos da acupuntura, onde cada ponto tem o seu deus ou demônio – o Kouei das antigas tradições.

Atualmente, a religião conta com cerca de três mil monges e 20 milhões de adeptos em todo o mundo, sendo muito popular em Hong Kong, com mais de 360 templos (Silva, 1998).

### 3.4. Escola de Confúcio ou Escola dos Letrados

O confucionismo deriva seu nome de Kung Fu Tse, ou Confúcio (551-479 a.C.), um professor de enorme influência, que considerava sua função básica a transmissão da antiga herança cultural a seus discípulos. Assim fazendo, ultrapassou, contudo, os limites de uma simples transmissão de conhecimentos, pois interpretou as idéias tradicionais em consonância com seus próprios conceitos morais. Seus ensinamentos foram baseados nos chamados *Seis Clássicos*: o *Shijing* (Livro dos Versos), o *Shujing* (Livro da História), o *I Ching* (Livro da Adivinhação), o *Lijing* (Livro dos Ritos, de onde saíram o *I Li* e o *Liji*), o *Chunqiu* (código do verdadeiro soberano) e o *Yojing* (livro da música, atualmente perdido). Coligidos no fim do século V a.C., os aforismos de Confúcio formam o *Lunyu* (*Antologia Confucionista*), que foi perdido e, mais tarde, reconstituído na dinastia dos Han, meio milênio após a morte do sábio (Capra, 1975; Granet, 1997).

O *I Ching* é o primeiro entre os *Seis Clássicos* e deve ser considerado como um trabalho que se encontra no próprio cerne da cultura e do pensamento chineses. O livro inspirou as maiores mentes chinesas nas diversas épocas; entre elas, Lao Tse que de tal fonte extraiu alguns de seus aforismos mais profundos. Confúcio estudou-o intensamente e a maior parte dos comentários sobre o texto combinam a interpretação estrutural dos hexagramas com explicações filosóficas. No centro dos comentários de Confúcio encontra-se a ênfase no aspecto dinâmico de todos os fenômenos. A transformação incessante de todas as coisas e situações é a mensagem essencial do *I Ching* (Capra, 1975).

As historietas do *Lunyu* permitem compreender muito bem o espírito e a vida da escola. Elas impõem o sentimento de que o mestre tinha uma confiança nas virtudes humanas que o colocava acima de seus discípulos. A doutrina do mestre parece ter sido uma doutrina de ação. Todo o *Lunyu* como o *Zhongyong* e o *Daixue* mostram que a idéia mestra de Confúcio e de seus primeiros discípulos foi rejeitar qualquer especulação sobre o universo e fazer do homem o objeto próprio do

saber. Para eles, o princípio desse saber era a vida em sociedade, o trabalho de conhecimento, controle e aperfeiçoamento executado em comum, a cultura humanista graças à qual o homem se constitui como dignidade (Granet, 1997).

Confúcio e seus adeptos não tentaram fundar uma ciência abstrata do homem, mas sim uma arte da vida, que abrange psicologia, moral e política. Essa arte nasce da experiência, das observações sugeridas pela vida de relação a quem sabe refletir, e às quais vem somar-se o saber legado pelos antigos (Granet, 1997). A doença, na concepção confucionista, podia decorrer do ajustamento inadequado às regras e costumes da sociedade, mas a única maneira de um indivíduo ficar bom era mudar a si mesmo a fim de se ajustar à ordem social estabelecida (Capra, 1982).

Entre os sucessores de Confúcio destacam-se Mêncio (Meng Tseu) (371-289 a.C.) e Hsun Tzu (315-236 a.C.). Mêncio partiu do conceito confuciano de benevolência para desenvolver a doutrina da bondade inata do homem, a qual precisa ser descoberta e aprimorada por meio da meditação. Hsun Tzu, ao contrário, defendia a teoria da maldade inata. Segundo ele, o homem é mau e indisciplinado por natureza e somente as regras e leis podem possibilitar a vida social (Silva, 2000).

O confucionismo é também uma religião oriental baseada nas idéias de Confúcio. Seu princípio básico é a busca do Caminho (Tao), que garante o equilíbrio entre as vontades da terra e as do céu. Eram preceitos religiosos a veneração e adoração aos ancestrais, além do conceito de piedade filial. Seus ensinamentos advogam que o homem é capaz de ser perfeito por ele próprio, pelo seu esforço de seguir o caminho dos seus antepassados (Silva, 2000).

Tendo em vista que o confucionismo trata primariamente de condutas morais e de ordem social, esta religião é freqüentemente categorizada como um sistema ético e não como uma religião. Em sua visão de reforma, Confúcio advogava justiça para todos como o fundamento da vida em um mundo ideal, onde os princípios humanos,

cortesia, piedade filial, e virtudes da benevolência, retidão, lealdade e a integridade de caráter deviam prevalecer. Porém, deve-se atentar às perspectivas do povo chinês na época de Confúcio, e observar as influências que ele trouxe, as quais não se limitam a uma esfera ética (Silva, 2000).

O confucionismo permaneceu como religião oficial da China desde sua unificação, no século II, até sua proclamação como República em 1911. As primeiras críticas ao confucionismo surgiram durante a República. Entre 1966 e 1976, durante a Grande Revolução Cultural Proletária, foi novamente atacado por contrariar os interesses comunistas. Atualmente, 25% da população chinesa afirma viver segundo a ética confucionista. Fora da China, o confucionismo possui cerca de 6,3 milhões de adeptos, principalmente no Japão, na Coreia do Sul e em Singapura (Silva, 2000).

### **3.5. Escola Moísta**

Mozi (Mo Tseu) foi um dos grandes críticos do confucionismo, tendo vivido, provavelmente, em torno do século V-IV a.C. Mozi deve ter estudado os mesmo clássicos que Confúcio, chegando a conclusões diametralmente opostas, porém, daquelas apresentadas pela Escola dos Letrados. Acredita-se que essa diferença de interpretação tenha vindo da condição social de Mozi, muito mais próxima da plebe do que da fidalguia (Bueno, 2004).

Mozi fundou uma escola próspera, que teve muito mais brilho do que a escola confucionista. Nenhuma outra se assemelhou mais a uma seita. Os princípios de Mozi foram opor-se ao gosto pelo luxo, evitar a dilapidação, não buscar o esplendor nos números e medidas protocolares, submeter-se a regras estritas e, preparar-se para as dificuldades da vida. Como constata o *Zhuangzi*, esse triste fanatismo e esse ideal de penitência tinham poucas probabilidades de êxito na China. Todavia, durante quase dois séculos, a seita alcançou um sucesso que só se pode explicar pela crise que a civilização chinesa atravessava na

época. A popularidade de Mozi foi efêmera e, ao contrário do confucionismo, não voltou a florescer na dinastia dos Han (Granet, 1997).

Aos olhos de seus fiéis, Mozi e Confúcio afiguravam-se “príncipes sem domínios, senhores sem vassalos”. A qualificação de “rei sem reino” seria oficialmente atribuída a Confúcio quando, com os Han, a ortodoxia confucionista triunfou. Mozi, a partir de então, seria considerado um herege, mas tal seita, de início, foi a mais ativa e a mais brilhante. Recrutadas nos mesmos meios, as duas escolas tinham tendências próximas. Enquanto os poderosos e seus favoritos viviam à procura de receitas que pudessem aumentar o poder do estado e a renda do governo, os partidários de Mozi e Confúcio preocupavam-se somente com o bem público. Nesse meio, composto de nobres desafortunados, um espírito conservador logo deturpou as doutrinas. Mas isso não prova que tenham faltado talento e ousadia aos mestres em si. Confúcio em Mozi aparecem como inovadores traídos por seus adeptos. Mozi tentou criar uma doutrina do dever social, denunciando os malefícios do espírito clientelista. Confúcio, ao que parece, teve a idéia ainda mais ousada de fazer toda a disciplina dos costumes apoiar-se num refinado sentimento de humanismo (Granet, 1997).

### **3.6. Medicina**

A saúde é um estado de harmonia entre as energias yin e yang. O desequilíbrio ou interrupção do fluxo normal dessas energias, pela maior manifestação de uma energia em detrimento de outra, origina estados patológicos (doenças), e o reequilíbrio permite o pronto restabelecimento do paciente. O papel da medicina consiste em restabelecer este equilíbrio (Urban, 2002).

Após o médico chinês determinar o estado dinâmico do paciente em relação ao meio ambiente, ele tenta, então, restabelecer o equilíbrio e a harmonia. São usadas várias técnicas terapêuticas, todas planejadas para estimular o organismo do paciente de tal modo que ele siga sua própria tendência natural para voltar a um estado equilibrado. Assim, um

dos princípios mais importantes da medicina chinesa é sempre administrar uma terapia a mais branda possível. Idealmente, todo o processo baseia-se numa contínua interação entre médico e paciente, em que o médico vai modificando seguidamente a terapia de acordo com as respostas do paciente (Capra, 1982).

O diagnóstico chinês tradicional é necessariamente um processo longo, do qual o paciente deve participar ativamente, contribuindo com informações consideráveis acerca de seu modo de vida. Idealmente, cada paciente é um caso único, que apresenta um grande número de variáveis a serem levadas em conta. Na prática, há sempre, provavelmente, uma tendência para classificações de acordo com certos tipos de sintomas, mas não se busca uma classificação precisa. O diagnóstico apoia-se maciçamente em juízos subjetivos do médico e do paciente, baseando-se num conjunto de dados qualitativos obtidos pelo médico através do uso de seus próprios sentidos e da estreita interação com o paciente (Capra, 1982).

Os chineses desenvolveram métodos altamente refinados de observação e interrogatório para chegar ao diagnóstico do paciente, além de uma arte incomparável de tomada de pulsos, que lhes permite determinar o fluxo detalhado de padrões de chi ao longo dos meridianos, e, com isso, o estado dinâmico do organismo todo. Os médicos chineses tradicionais acreditam que esses métodos lhes permitem reconhecer desequilíbrios e, por conseguinte, problemas potenciais, antes que estes se manifestem em sintomas que podem ser detectados através das técnicas ocidentais de diagnóstico (Capra, 1982).

O nosso corpo é percorrido por meridianos de energia vital e as afecções surgem a partir da interrupção do fluxo dessa energia. Com base neste princípio, acupuntura, moxa, massagem, do-in, shiatsu, fitoterapia, hidroterapia, tai-chi-chuan, exercícios respiratórios, regras de higiene, procedimentos sexuais, meditação, dietética etc, curam as enfermidades, restaurando o fluxo vital. Os médicos da antiga China eram exímios filósofos e a sua razão de viver prendia-se a conceitos de



harmonia e de equilíbrio. O seu trabalho consistia em restabelecer a harmonia entre o homem e a ordem do universo, as leis naturais que regem todas as coisas (Cadwell, 1998; Nestler, 2002)

Os medicamentos herbáceos são classificados de acordo com o sistema yin-yang e associados a cinco aromas básicos que, segundo a teoria das cinco fases, afetarão os correspondentes órgãos internos. A moxabustão consiste em queimar pequenos cones da erva moxa (*Artemisia vulgaris* e *sinensis*) pulverizada sobre o corpo nos pontos de pressão. No caso da acupuntura, agulhas de várias espessuras e comprimentos são inseridas nesses pontos; as agulhas podem ser usadas para estimular ou para sedar o corpo, dependendo de como são inseridas ou manipuladas. O que todas essas terapias têm em comum é que não visam tratar os sintomas da doença do paciente. Elas funcionam em nível mais fundamental para contra-atacar os desequilíbrios que são considerados a fonte da enfermidade (Capra, 1982; Nestler, 2002).

### 3.6.1. Acupuntura

O mais importante entre os primeiros textos clássicos médicos é o *Nei Ching* e sua autoria foi atribuída ao lendário Imperador Amarelo Huang Ti (2698-2598 a.C.), terceiro na sucessão de imperadores lendários, sendo o primeiro Fu Hsi (2953 a.C.) e o segundo Chen Nong (2838 a.C.). A obra clássica recebeu o nome de *Huang Ti Nei Ching* (*Questões simples de medicina interna do Imperador Amarelo*). Transmitidos oralmente, os diálogos só vieram a ser escritos originalmente por Chun Yu Yi, nascido em 216 a.C. No século seguinte, o conjunto dividiu-se em dois volumes, o *Su Wen* e o *Ling Shu*. O *Su Wen* tratava de questões simples e princípios básicos da medicina chinesa, enquanto o *Ling Shu* relatava a prática da acupuntura (Inada, 2000; Urban, 2002).

O Imperador Amarelo Huang Ti ficou surpreso quando ouviu um soldado ferido por uma flecha dizer que se sentia curado de uma doença artrítica que os médicos lhe asseguraram não existir cura. O imperador

mandou, então, efetuar experiências noutros enfermos, especialmente nos presos, os quais durante vários anos foram objeto de experiências com pontas de flecha e pedras, mais tarde agulhas de pedra. As anotações e os rudimentares esboços resultantes destas experiências constituíram os primeiros passos para a descoberta dos meridianos. E a evolução destes conhecimentos, através da prática, veio criar bases para estruturar várias ciências médicas integrantes do vasto complexo atualmente conhecido por Medicina Oriental (Leung et al., 1974).

Ao longo das diferentes dinastias, o desenvolvimento e a aplicação da acupuntura foi acompanhando intimamente às diferentes escolas filosóficas, ligando-se especialmente ao taoísmo e ao confucionismo. Durante a Dinastia Tsin (256-420) efetuaram-se compilações de diagramas e identificaram-se 349 pontos energéticos. Durante a Dinastia Sung (960-1279), efetuaram-se dois moldes do corpo humano em bronze, em tamanho natural, para que os estudantes de medicina soubessem localizar os pontos com a mais rigorosa precisão, além da elaboração de manuais minuciosos onde os médicos podiam obter as mais detalhadas informações sobre as faculdades de cada ponto (Zeung et al., 1974).

Na Dinastia Ming (1368-1644), na conseqüência da movimentação política originada pela invasão dos Manchus, foi encetada uma perseguição aos budistas, com destruições de templos e chacinas de monges. Muitos monges conseguiram sobreviver desempenhando funções como médicos e professores. Sabe-se que os progressos na digitopuntura deveram-se aos monges, e por uma razão simples: os que permaneceram fiéis às regras fixadas por Buda, estavam presos ao juramento de nada mais poderem possuir além do que uma tigela, um bordão e o seu próprio manto. Até as simples agulhas de pedra usadas na acupuntura ultrapassavam os limites do que lhes era permitido possuir. Por este motivo tornaram-se peritos na utilização dos dedos, que colocavam em determinadas condições sobre alguns pontos, conseguindo curas satisfatórias (Barbosa, 2002).

A acupuntura passou por períodos de maior e menor desenvolvimento. Durante a Dinastia Ching (1644-1911), coincidindo com a pressão econômica e crescente política no sentido da aproximação à industrialização ocidental, a acupuntura e toda a Medicina Tradicional Chinesa caíram numa profunda estagnação (Barbosa, 2002).

No final da Dinastia Ching, a acupuntura foi excluída do ensino oficial e foram abertas faculdades de medicina ocidental. O exercício da Medicina Tradicional foi proibido (o que não passou de teoria), mas a acupuntura nunca deixou de ser praticada. Isso foi devido, por um lado, à escassez de médicos com formação ocidental, perante um tão vasto e populoso território; por outro lado, estava muito arraigada no povo das extensas zonas rurais, onde era a única medicina a que se podia ter acesso (Barbosa, 2002).

As correntes nacionalistas (1911/49) e a criação da República Popular (1949), levaram a uma nova orientação na política da saúde e à procura de meios terapêuticos que permitissem acudir às zonas rurais menos acessíveis e mais subdesenvolvidas do país. Só a medicina antiga correspondia aos requisitos ideais: não implicava em grandes gastos, numa altura em que o país atravessava uma grave crise econômica; as técnicas eram relativamente fáceis de aprender e permitiam uma imediata e rápida formação de médicos (Barbosa, 2002).

Assim, desde a Fundação da República Popular da China, em 1949, o governo reconhece oficialmente a Medicina Tradicional, equiparando-a à Medicina Ocidental. Conjuga, em colaboração e complementação, os médicos tradicionais ao trabalho de investigação clínica e experimental dos médicos com formação ocidental. Desde então verificou-se um rápido desenvolvimento. Durante a Revolução Cultural na República Popular da China, em 1955, a acupuntura, moxabustão e fitoterapia chinesa foram reconhecidas oficialmente (Inada, 2000). Em 1959 foi realizada com êxito a primeira operação com anestesia mediante a acupuntura. Em 1979 a Organização Mundial de Saúde (OMS),

reconheceu oficialmente a acupuntura como meio terapêutico para a cura de 43 enfermidades diferentes (Barbosa, 2002).

No ocidente, a acupuntura foi introduzida por jesuítas no século XVIII. Mais tarde foi o cônsul da França na China, Souliét de Morant (1878-1955) que se interessou pela acupuntura e a aprendeu, guiado por vários médicos chineses. Morant traduziu obras e reuniu grande quantidade de material informativo. Por este motivo, foi na França onde, no ocidente, se começou a praticar e a utilizar a acupuntura e onde se criaram as primeiras associações de acupuntura. Posteriormente, foi difundida por toda a Europa (Luna, 2002).

Nos EUA, a acupuntura não suscitou interesse até 1972, coincidindo esta data com a visita do presidente Nixon à China. A situação atual da acupuntura varia, nos diferentes países, segundo o sistema sanitário vigente em cada um deles. Em Portugal, assim como em muitos outros países ocidentais, o ensino da acupuntura não está oficialmente estabelecido. No Brasil, o professor Frederico Spaeth a introduziu em 1950, sendo fundada em 1958 a Associação Brasileira de Acupuntura (Barbosa, 2002).

Como no homem, no ocidente, a acupuntura veterinária foi inicialmente introduzida na França e tem sido ensinada nas duas escolas mais antigas da Europa, a de Lion e de Alfort, desde 1762 e 1766 respectivamente. Posteriormente, a mesma se difundiu por vários países da Europa, especialmente após a década de 1950, entre eles a Holanda, Inglaterra, Irlanda, Finlândia, França, Alemanha, Áustria, Itália, Irlanda, Países Escandinavos, Suíça, Rússia e países da Europa Oriental. A maioria destes países da Europa também possuem associações de veterinários acupunturistas. Atualmente, cinco de oito universidades chinesas de veterinária possuem departamentos de Medicina Veterinária Tradicional Chinesa, incluindo acupuntura, sendo ministrados cursos de especialização nesta área. No Japão, a acupuntura é o método eleito para o tratamento de problemas musculares em Miho, o maior centro de treinamento de cavalos Puro Sangue Inglês. Além da China e Japão,

outros países do oriente tais como Taiwan e Coréia possuem pesquisadores dentro das Universidades atuando diretamente nesta área, além de sociedades de acupuntura veterinária bem estabelecidas (Luna, 2002).

A partir da década de 70 a acupuntura apresentou um grande desenvolvimento devido ao maior intercâmbio oriente-ocidente. Na Europa, a primeira cirurgia de cesariana com analgesia por acupuntura foi realizada em 1975, por Oswald Kothbauer, professor da Faculdade de Veterinária de Viena, Áustria. Pesquisas relacionadas ao efeito fisiológico da acupuntura em animais têm também sido realizadas nas faculdades de veterinária de Munique e Hannover, na Alemanha (Luna, 2002).

A Sociedade Internacional de Acupuntura Veterinária (IVAS) foi fundada em 1974, oferecendo cursos de formação para que os veterinários possam atuar na área. Adicionalmente, esta entidade organiza congressos anuais de Acupuntura Veterinária (Luna, 2002).

Um dos principais precursores da acupuntura veterinária no Brasil, foi o professor Tetsuo Inada, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O I Simpósio Brasileiro de Acupuntura Veterinária ocorreu em 1994. Em 1999, ocorreu o I Congresso Brasileiro de Acupuntura Veterinária e nesse mesmo congresso foi fundada a Associação Brasileira de Acupuntura Veterinária (ABRAVET). A acupuntura veterinária é reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária como especialidade médica, desde 1995 (Luna, 2002).

#### **4. Conclusões**

A medicina ocidental e a medicina praticada na China têm origem muito antiga. Ambas apresentam pontos distintos, porém, também encontram aspectos em comum. Com a evolução da história, a medicina chinesa e a ocidental se encontraram; na China, a medicina ocidental é, hoje, comumente praticada. No ocidente, observa-se a crescente assimilação da medicina chinesa, e o aumento em sua prática tem sido observado nos últimos anos.

## 5. Referências Bibliográficas

- AAKSTER, C.W. Concepts in alternative medicine. **Soc Sci Med**, v.22:2, p.265-273, 1986.
- BARBOSA, J.M. **Início, desenvolvimento e estado atual da Medicina Tradicional Chinesa**. Disponível em 2002: <[http://www.cieph.com.br/hist\\_gral.html](http://www.cieph.com.br/hist_gral.html)>
- BUENO, A. **Mozi e o moísmo**. Disponível em 21-jan-2004: <<http://www.chinaonline.com.br/pensamentos/mozi.asp>>
- CADWELL, V. A primer on acupuncture. **J Emerg Nurs**, v.24:6, p.514-517, 1998.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix. 1982.
- CAPRA, F. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix. 2ed. 1975. 274p.
- CARDOSO, C.M. **A Canção da Inteiraza**: uma visão holística da educação. São Paulo: Summus. 1995.
- CHAMBERLAIN, S. Yin, yang and the six phases of qi: how they define health and disease. **Am J Acupunct**, v.26:4, p.281-303, 1998.
- CHEN, Y. Chinese values, health and nursing. **J Adv Nurs**, v.36:2, p.270-273, 2001.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 14ed., 1999.
- GALLIAN, D.M.C. A (re)humanização da medicina. **Psiquiatria na prática médica** (publicação trimestral do Centro de Estudos do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina (Unifesp/EPM). Disponível em 4-jul-2001: <<http://www.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/especial02a.htm>>
- INADA, T. **Vasos maravilhosos e cronoacupuntura**. São Paulo:Roca, 139p. 2000.
- LEUNG, S.J., FAN, C., SECHZER, P.H. Acupuncture therapeutics. **Anesth Analg**, v.53:6, p.942-950, 1974.
- LUNA, S.P.L. **História da Acupuntura**. Disponível em 2002: <[www.abravet.com.br](http://www.abravet.com.br)>

- MILBURN, M.P. Emerging relationships between the paradigm of oriental medicine and the frontiers of western biological science. **Am J Acupunct**, v.22:2, p.145-157, 1994.
- MOROZ, A. East-west medicine: irreconcilably complementary. **Am J Acupunct**, v.22:4, p.369-374, 1994.
- NESTLER, G. Tradicional chinese medicine. **Med Clin North Am**, v.86:1, p.63-73, 2002.
- RIBEIRO Jr, W.A. **Grécia Antiga: revista eletrônica**. v.1, n.2, 1998. Disponível em <<http://warj.med.br/re/1/index2.asp>>
- SILVA, E. **Confucionismo**. Disponível em nov-2000: <<http://solascriptura-tt.org/Seitas/Confucionismo-EronidesDaSilva.htm>>
- SILVA, V. **Taoísmo**. Disponível em 06-mar-1998: <<http://www.sepoangol.org/taoismo.htm>>
- URBAN, P. Hipócrates e a Medicina Chinesa. **Revista Planeta**, n.355. abril, 2002.